

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0205/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 31/07/2025

Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita busca apoio global para documento final da conferência 'Solução de Dois Estados'



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan Al-Saud, e o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, presidem uma conferência sobre a Palestina e uma solução de dois Estados nas Nações Unidas em 29 de julho de 2025 na cidade de Nova York.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan bin Abdullah, pediu a todos os Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) que apoiem a declaração conjunta emitida na ONU na passada terça-feira pedindo o fim imediato da guerra em Gaza. O documento inclui um acordo para trabalhar em conjunto para acabar com a guerra em Gaza e alcançar uma solução justa, pacífica e duradoura para o conflito israelense-palestino, com base na implementação efectiva da solução de dois Estados, e para construir um futuro melhor para palestinos, israelenses e todos os povos da região. O plano da declaração diz que os co-presidentes da conferência França e Reino da Arábia Saudita, a União Europeia e a Liga Árabe e 15

países que lideraram os grupos de trabalho concordaram em "tomar medidas colectivas para acabar com a guerra em Gaza".

O Príncipe Faisal pediu ao restante dos 193 países membros da ONU "que apoiem este documento" antes do início da 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU em meados de setembro. "Esses resultados reflectem propostas abrangentes em linhas narrativas políticas, humanitárias, de segurança, econômicas, legais e estratégicas, e formam uma estrutura integrada e acionável para implementar a solução de dois Estados e alcançar a paz e a segurança para todos", disse o ministro das Relações Exteriores, de acordo com a Agência de Imprensa Saudita. Ele reiterou a condenação do Reino da Arábia Saudita a todos os ataques de qualquer parte contra civis, incluindo ataques indiscriminados, todos os ataques à infraestrutura civil, acções provocativas, incitamento e actos de destruição.

A declaração insta os países a reconhecerem o Estado da Palestina, chamando-o de "um componente essencial e indispensável para a realização da solução de dois Estados". Sem mencionar Israel, mas referindo-se claramente a ele, o documento diz que "acções unilaterais ilegais representam uma ameaça existencial à realização do Estado independente da Palestina". **Fonte-Reuters.**

Nações árabes pedem paz e renovação da Iniciativa de Paz Árabe no último dia da conferência de solução de 2 estados da ONU



Uma cúpula de acompanhamento da conferência desta semana está planejada para ocorrer durante a Assembleia Geral da ONU em setembro.

As nações árabes emitiram ontem um apelo unificado para acabar com a violência em Gaza e na Cisjordânia, reiterando seu mais forte endosso à Iniciativa de Paz Árabe como a única estrutura viável para a paz e a estabilidade regionais.

"O que estamos vendo hoje em Gaza, a retirada da estabilidade e da segurança na região, é de facto o resultado da ocupação em curso", disse um representante da Liga Árabe, entregando uma declaração em nome do secretário-geral da organização, Ahmed Aboul Gheit. "Este é o preço que está sendo pago pelos palestinos, um preço pago com sangue." Ele descreveu o número de vítimas como "um preço extremamente alto que todos estamos pagando pelo sistema de apartheid e ocupação para permanecer nesta terra", acrescentando que a Liga continua comprometida com a Iniciativa de Paz Árabe, que foi inicialmente adoptada em Beirute, há 23 anos.

"Essa visão, no entanto, não foi recíproca. Em vez disso, foi combatido pela arrogância e pelo nacionalismo baseados em visões sectárias religiosas que levarão a região a um futuro desconhecido ", disse ele. Os comentários foram feitos na conclusão da "Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados" na sede da ONU em Nova York.

O Sultanato de Omã ecoou o sentimento, com seu representante reafirmando que a "paz abrangente e duradoura" deve ser fundamentada na estrutura do direito internacional, conforme descrito na Iniciativa de Paz Árabe.

Em uma posição semelhante à adoptada por outras nações durante a conferência, o representante do Sultanato de Omã acusou Israel de "corroer" unilateralmente as perspectivas de paz, no que ele descreveu como "desafio às disposições do direito internacional e resoluções de legitimidade internacional". Ele continuou: "A natureza das políticas do actual governo israelense, como as mais extremas em décadas, complica ainda mais o cenário e dificulta directamente todos os esforços para relançar o processo de paz".

O Conselho de Cooperação do Golfo reiterou sua posição de apoio a uma solução de dois Estados para o conflito de décadas entre israelenses e palestinos, condenou a contínua agressão israelense contra Gaza e exigiu que ela cesse.

O representante do conselho disse que também rejeitou as políticas de assentamentos israelenses como uma violação flagrante e pediu o acesso humanitário total em Gaza e o início da reconstrução do território. "A verdadeira grandeza não se baseia no poder, mas na capacidade de usar o poder para servir à justiça", acrescentou. "É hora de transformar esse princípio em (uma) posição internacional clara que reconheça (um) Estado palestino totalmente independente."

O representante da Organização de Cooperação Islâmica juntou-se aos outros na defesa de uma solução de dois Estados e enfatizou a necessidade de as autoridades israelenses agirem de acordo com as resoluções da ONU.

Israel é culpado de "crimes sistêmicos, incluindo agressão, genocídio, destruição, deslocamento, fome e bloqueio na Faixa de Gaza", acrescentou, além de "políticas ilegais de expansão de assentamentos, anexação e limpeza étnica". Além disso, a intenção de Israel de "impor sua suposta soberania sobre a Cisjordânia, incluindo a cidade ocupada de Jerusalém ... constitui violações flagrantes do direito internacional e das resoluções relevantes da ONU", disse o representante ao pedir o fim de todas essas acções. Os apelos foram feitos quando o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, alertou que o conflito em Gaza atingiu um "ponto de ruptura". A pressão internacional por um acordo de cessar-fogo continua a aumentar, mas Israel resistiu aos apelos para interromper suas operações militares, com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu avançando com planos de anexar partes de Gaza se o Hamas rejeitar uma trégua.

Ontem, fontes disseram que Israel recusou a última proposta de cessar-fogo, citando sua recusa em retirar forças de áreas-chave do território. O embaixador de Israel na ONU, Danny Danon, descreveu a conferência da ONU desta semana como "um circo político" contra Israel. "Estamos vendo um distanciamento da realidade, a disseminação de

mentiras e o apoio ao terrorismo", escreveu ele em uma mensagem postada na plataforma de imprensa social X.

O enviado especial dos EUA para o Médio Oriente, Steven Witkoff, deve chegar hoje a Tel Aviv, para conversar com autoridades israelenses. Sua visita ocorre no momento em que a Classificação Integrada da Fase de Segurança Alimentar, apoiada pela ONU, alerta que o "pior cenário de fome está ocorrendo actualmente" em Gaza.

O representante do Irão na ONU também falou no último dia da conferência, condenando uma "política de apaziguamento" da comunidade internacional em relação a Israel e pedindo acções concretas.

"À luz de seu contínuo desafio à Carta da ONU, o regime israelense deve enfrentar sanções direccionadas e suspensão de sua participação na ONU para proteger a integridade e a credibilidade da organização", disse ele. Ele pediu ainda aos Estados-membros que pressionem o Conselho de Segurança a admitir a Palestina como membro pleno da ONU e insistiu que "este processo não deve ser obstruído pelos Estados Unidos". A Palestina actualmente tem status de observador na ONU. Uma cúpula de acompanhamento da conferência desta semana está planejada para ocorrer durante a Assembleia Geral da ONU em setembro. **Fonte-Arab News.**

O vice-ministro das Relações Exteriores saudita Ehab Al-Najjar recebe enviados turco e alemão



O vice-ministro de Assuntos Consulares do Reino da Arábia Saudita, Ehab Al-Najjar, reuniu-se ontem em Riade com o embaixador da Turquia, Emrullah Isler.

O vice-ministro das Relações Exteriores para os Assuntos Consulares do Reino da Arábia Saudita, Ehab Al-Najjar, reuniu-se ontem em Riade com o embaixador da Turquia no Reino, Emrullah Isler.

Em uma reunião separada, ele recebeu recentemente o embaixador alemão no Reino da Arábia Saudita, Michael Kindsgrab, em Riade, postado pelo Ministério das Relações Exteriores no X.

Durante as reuniões, os funcionários discutiram maneiras de impulsionar a cooperação consular e assuntos de interesse comum. **Fonte-Arab News**.

Rei do Marrocos pede combate às desigualdades regionais



O Rei Mohammed VI proferindo seu discurso anual marcando os 26 anos de seu reinado.

O Rei do Marrocos, Mohammed VI, pediu na passada terça-feira ao governo que elabore uma nova geração de reformas para garantir o desenvolvimento igualitário entre as regiões do país. "Não é aceitável que o Marrocos - hoje ou em qualquer momento no futuro - seja um país de duas velocidades", disse o Rei, que tem a palavra final sobre as políticas estratégicas do país, em um discurso anual marcando 26 anos de seu reinado. Embora o nível de pobreza tenha caído no Marrocos de 11,9% em 2014 para 6,8% em 2024, algumas regiões do interior mostram níveis de pobreza acima da média, de acordo com a agência nacional de estatísticas. Marrocos atraiu investimentos industriais em sectores como aeroespacial e fabricação de automóveis, que agora lideram suas exportações. No entanto, a maior parte do PIB, da indústria e das infraestruturas críticas do país estão concentradas nas áreas do noroeste, deixando o resto do Marrocos dependente da agricultura, pesca e turismo. "Algumas regiões - particularmente nas áreas rurais - ainda sofrem de pobreza e vulnerabilidade, devido à falta de infraestrutura e instalações básicas", disse o Rei. As novas reformas devem ter como objectivo melhorar os serviços sociais, educação, saúde e gestão da água, além de promover o emprego, disse ele. Marrocos criou apenas 82.000 empregos no ano passado, o que fica aquém de reduzir a alta taxa de desemprego do país em 13,3%, de acordo com o banco central.

Em seu discurso, o Rei também reafirmou a disposição do Marrocos para "um diálogo franco, responsável, fraterno e sincero sobre as várias questões pendentes" com a Argélia.

A Argélia cortou laços com o Marrocos em 2021, interrompeu o fluxo de gás, proibiu voos marroquinos de cruzar seu espaço aéreo e impôs vistos aos marroquinos, depois que o Reino retomou os laços com Israel. Os dois países mais populosos do Magrebe estão em desacordo sobre o status do Saara Ocidental. Marrocos considera o território seu, enquanto a Argélia acolhe e apoia a Frente Polisário, que aí procura o seu próprio Estado. O Rei também agradeceu ao Reino Unido e a Portugal, as nações ocidentais mais recentes a apoiar o plano de autonomia do Marrocos para o território. **Fonte- Reuters.**

Malta diz que reconhecerá o Estado da Palestina, juntando-se à França e possivelmente à Grã-Bretanha



Christopher Cutajar, secretário permanente do Ministério das Relações Exteriores de Malta, disse ontem em uma reunião de alto nível da ONU que reconhecerá formalmente o Estado da Palestina em setembro.

Malta disse ontem em uma reunião de alto nível da ONU que reconhecerá formalmente o Estado da Palestina em setembro, juntando-se à França e ao Reino Unido para aumentar a pressão para acabar com o conflito israelense-palestino de quase 80 anos.

Christopher Cutajar, secretário permanente do Ministério das Relações Exteriores de Malta, fez o anúncio na reunião da Assembleia Geral da ONU sobre uma solução de dois Estados para o conflito, que foi estendida para um terceiro dia devido ao alto número de países que querem falar e disse ainda que Malta há muito apoia a autodeterminação do povo palestino e "como actores responsáveis, temos o dever de trabalhar para traduzir o conceito de uma solução de dois Estados da teoria para a prática". "É por essa razão que o governo de Malta tomou a decisão de reconhecer formalmente o Estado da Palestina na próxima Assembleia Geral da ONU em setembro", disse ele. Malta diz que quer uma "paz duradoura" no Médio Oriente. O primeiro-ministro de Malta, Robert Abela, anunciou anteriormente a decisão de seu país, uma ex-colônia britânica, de reconhecer um Estado palestino no Facebook, dizendo que é parte dos esforços da nação "para uma paz duradoura no Médio Oriente". A nação insular mediterrânea e membro da União Europeia se juntará a mais de 145 países, incluindo mais de uma dúzia de nações europeias, no reconhecimento do Estado da Palestina. **Fonte-Reuters**.

Primeiro parlamentar muçulmano da Austrália pede que país reconheça a Palestina



Ed Husic é o primeiro muçulmano a ser eleito para o parlamento federal, bem como o primeiro muçulmano a ser nomeado ministro do governo australiano.

O primeiro parlamentar muçulmano e ministro do governo da Austrália disse que seu país deveria reconhecer um Estado palestino, seguindo os passos do Reino Unido como

parte de uma onda de "impulso moral". O apelo de Ed Husic, do Partido Trabalhista, eleito em 2010, veio no momento em que o primeiro-ministro Anthony Albanese deve manter mais conversas com seu colega britânico Keir Starmer nos próximos dias, que, prometeu nesta semana reconhecer um Estado palestino em setembro se Israel não conseguir chegar a um cessar-fogo com o Hamas, entre outras condições. Se a Austrália fizer o mesmo, privará o Hamas de seu poder em Gaza e acelerará o processo de paz, disse Husic. "O Hamas é construído em grande parte sobre a queixa. Essa queixa é removida com o estabelecimento de um Estado da Palestina, nutrido com a cooperação e o apoio da comunidade internacional, progrediu através do desenvolvimento de instituições democráticas", acrescentou. O ex-ministro disse que seus colegas trabalhistas se sentem cada vez mais prejudicados com a situação em Gaza, pedindo-lhes que peçam o reconhecimento australiano de um Estado palestino. "Há um sentimento profundo dentro da bancada, sobre como é certo reconhecer a Palestina, e eu preferiria que os colegas falassem por si mesmos", acrescentou. **Fonte-Reuters**.

Rei jordaniano diz que catástrofe em Gaza é "diferente de tudo o que já foi testemunhado" na história recente



Durante uma reunião com representantes da imprensa no Palácio Al Husseiniya, o Rei Abdullah enfatizou os esforços diplomáticos contínuos da Jordânia para acabar com o conflito em Gaza.

O Rei Abdullah II da Jordânia disse ontem que a crise humanitária na Faixa de Gaza está entre as piores da história moderna, enquanto a campanha militar israelense no enclave costeiro palestino chega ao seu 22º mês. Ele afirmou que "a Jordânia tem sido, e continuará sendo, o maior apoio para o povo de Gaza, que está sofrendo uma catástrofe humanitária diferente de tudo o que foi testemunhado na história recente". Durante uma reunião com representantes da imprensa no Palácio Al Husseiniya, o Rei Abdullah enfatizou os esforços diplomáticos contínuos da Jordânia para acabar com o conflito em Gaza. Ele destacou as discussões com a Alemanha e o Canadá, bem como a coordenação com líderes árabes e parceiros internacionais, com o objectivo de melhorar a resposta humanitária em Gaza.

"O sofrimento de nossos irmãos em Gaza atinge o próprio senso de nossa humanidade, não apenas porque está acontecendo à nossa porta, mas também porque este país foi construído com base na compaixão, ao lado daqueles que sofrem", disse ele. "Não importa o quanto façamos, nunca pode estar à altura da escala do horror que os palestinos em Gaza suportam todos os dias, não quando famílias inteiras estão sendo apagadas e crianças estão morrendo de fome. "Mas isso não significa que não estamos fazendo tudo ao nosso alcance. Nós somos. E continuaremos a fazê-lo, implacavelmente e sem hesitação", disse ele. A liderança jordaniana tem sido firme em seu apoio aos direitos palestinos, incluindo o estabelecimento de um Estado e o fim das políticas de

ocupação israelenses. A Jordânia foi um dos primeiros países a realizar missões de transporte aéreo nos primeiros dias da guerra israelense, entregando ajuda a Gaza e despachando centenas de caminhões de comboio de ajuda para o território desde o final de 2023. **Fonte-Arab News**.

Trump diz que a posição do Canadá sobre a Palestina pode prejudicar o acordo comercial



O presidente Donald Trump fala em um evento para promover sua proposta de melhorar o acesso dos americanos aos seus registros médicos no Salão Leste da Casa Branca.

O presidente dos EUA, Donald Trump, disse hoje que será difícil fazer um acordo comercial com o Canadá depois que o país anunciou que está apoiando a criação de um Estado palestino. O gabinete do primeiro-ministro canadense, Mark Carney, não respondeu imediatamente a um pedido de comentário. Carney anunciou ontem que o Canadá planeja reconhecer o Estado da Palestina em uma reunião das Nações Unidas em setembro. Israel e seu aliado mais próximo, os EUA, rejeitaram as declarações de Carney. O Canadá e os EUA estão trabalhando na negociação de um acordo comercial até 1º de agosto, data em que Trump ameaça impor uma tarifa de 35% sobre todos os produtos canadenses não cobertos pelo acordo comercial EUA-México-Canadá. Carney disse ontem que as negociações tarifárias com o governo do presidente dos EUA, Donald Trump, foram construtivas, mas as negociações podem não ser concluídas dentro do prazo. **Fonte-Reuters**.

Presidente dos Emirados Árabes Unidos elogia primeiro-ministro do Reino Unido por declaração de reconhecimento do Estado palestino



O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan, e o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer.

O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan, discutiu com o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, os desenvolvimentos

no Médio Oriente, a crise humanitária em Gaza e seu compromisso de aumentar a segurança e a estabilidade regionais. Ontem durante a ligação, os dois lados enfatizaram a necessidade de uma paz justa e duradoura entre israelenses e palestinos por meio de uma solução de dois Estados, a fim de promover a estabilidade e um futuro melhor para a região. Ele elogiou as declarações do primeiro-ministro britânico feita na passada terça-feira sobre o reconhecimento do Estado da Palestina na próxima Assembleia Geral da ONU em setembro.

O Xeque Mohammed pediu um cessar-fogo urgente em Gaza e a entrega desimpedida de ajuda humanitária para ajudar os moradores do enclave costeiro palestino. Os dois líderes também discutiram a cooperação e as formas de fortalecer os laços entre Abu Dhabi e Londres em vários sectores. **Fonte- Agência de Notícias dos Emirados Árabes Unidos.**

Conferência de Nova York encerra monopólio dos EUA na questão palestina



OSAMA AL-SHARIF

30 de julho de 2025



O Príncipe Faisal bin Farhan e Jean-Noel Barrot presidem uma conferência sobre a solução de dois Estados, Nova York, 29 de julho de 2025.

Já se passaram décadas desde que a comunidade internacional enviou uma mensagem decisiva de unidade e clareza sobre a necessidade de resolver a questão da Palestina por meio da solução de dois Estados. Co-organizada pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, uma conferência na sede da ONU em Nova York e com a presença de delegados de nada menos que 125 países emitiu essa mensagem esta semana.

O comunicado final apresentou uma abordagem abrangente e unânime para acabar com a guerra em Gaza, estabelecendo ferramentas para proteger o povo palestino e rejeitando mudanças unilaterais na demografia e geografia dos Territórios Ocupados. Mas o mais importante, sublinhou que a única solução justa e viável para o conflito é acabar com a ocupação e implementar a solução de dois Estados.

A conferência internacional, boicotada pelos EUA e Israel, foi uma resposta colectiva da maioria dos membros da Assembleia Geral da ONU à guerra genocida de Israel em Gaza, sua intenção declarada de realizar a limpeza étnica por meio do deslocamento forçado de palestinos e seu plano de anexar territórios palestinos. O comunicado final

foi ancorado no direito internacional e nas resoluções da ONU, bem como nas posições públicas de uma esmagadora maioria dos Estados em relação à solução de dois Estados. Embora a rejeição imediata de Israel à mensagem e às intenções da conferência possa ser entendida no contexto das políticas do governo mais radical da história do país, é a posição dos EUA que é decepcionante e intrigante. Durante décadas, sucessivas administrações americanas tiveram o monopólio sobre o funcionamento do chamado processo de paz no Médio Oriente. Esse processo, que começou com a Conferência de Madrid em 1991 e culminou com a assinatura dos Acordos de Oslo, não conseguiu cumprir seu objectivo inicial: uma solução final para o status do conflito.

O patrocínio exclusivo dos Estados Unidos ao processo de paz e às negociações entre os palestinos e Israel, que terminou com o primeiro mandato do presidente Barack Obama, foi corrompido pelo fracasso sombrio de Washington como mediador honesto. Os EUA não fizeram nada para responsabilizar Israel por sua política agressiva de construção e expansão de assentamentos ilegais na Cisjordânia. Os EUA ficaram de lado quando um governo israelense de extrema-direita desencadeou uma onda de terrorismo de colonos contra os palestinos.

Não fez nada quando Benjamin Netanyahu declarou que Oslo estava morto e que a Autoridade Palestina deveria ser dissolvida. Não fez nada quando Netanyahu declarou em mais de uma ocasião sua intenção de anexar a Cisjordânia e enterrar as esperanças de um Estado palestino para sempre.

O primeiro mandato do presidente Donald Trump ofereceu pouco aos palestinos. Durante seu segundo mandato, Israel causou a mais horrível crise humanitária em Gaza, enquanto massacrava civis e realizava sua limpeza étnica.

Netanyahu usou o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 como desculpa para acelerar a liquidação da questão palestina. Ele não ofereceu nada aos palestinos enquanto extremistas israelenses percorriam a Cisjordânia, matando e ferindo habitantes nativos enquanto realizavam uma campanha de terror patrocinada pelo Estado. Mas, ao cometer crimes de guerra em massa em Gaza, Netanyahu causou grandes danos a Israel na arena internacional. O mundo não aguenta mais as cenas horríveis que saem de a carnificina de Gaza. A opinião pública mudou contra Israel e os protestos semanais pressionam os líderes ocidentais a se posicionarem.

Foi quando Riade e Paris decidiram acabar com o actual impasse. O Reino da Arábia Saudita deixou claro que a falta de uma solução justa para a questão palestina era a causa raiz da instabilidade regional. Netanyahu e seus parceiros de extrema-direita não têm resposta para a pergunta incômoda: o que fazer com os palestinos? O dia 7 de outubro foi um marco que trouxe agonia a Israel e uma segunda Nakba aos palestinos. Para que ambas as pessoas não passem por outro 7 de outubro, um acordo justo deve ser implementado.

As autoridades israelenses usarão subterfúgios, arrogância e ameaças para desmascarar os apelos por um Estado palestino. Eles alegarão que a França e o Reino Unido - ambos os quais planejam reconhecer o Estado palestino em setembro - estão apenas recompensando o Hamas e dificultando o fim da guerra. Eles se juntarão aos mais de 140 países que já o fizeram. Mas os palestinos, mais de 12 milhões deles em todo o mundo, conquistaram seu direito à autodeterminação. A única garantia da segurança de

Israel é um Estado palestino próximo a ele, vivendo em paz e harmonia. A conferência de Nova York foi um momento de despertar em todo o mundo. Este é um golpe para Netanyahu e seus parceiros extremistas. Mas eles ainda estão em posição de causar danos. Netanyahu até agora rejeitou qualquer fim permanente para a guerra em Gaza. Ele ainda está contando com o apoio dos EUA para ajudá-lo a estender o banho de sangue na esperança de expulsar milhões de moradores de Gaza do enclave devastado pela guerra.

Para manter sua coalizão viva, ele poderia ir tão longe a ponto de implementar uma resolução do Knesset recentemente adoptada para anexar a maior parte da Cisjordânia. Ele também poderia sair de Oslo e dissolver a Autoridade Palestina. Mas ele só poderia fazer isso se soubesse que os EUA o apoiariam. Todos esses actos ilegais apenas aprofundarão o isolamento político de Israel e podem criar uma reacção internacional de sanções.

Algumas semanas atrás, Netanyahu olhou para a região e anunciou orgulhosamente que Israel havia criado um novo Médio Oriente. Ele humilhou o Hezbollah, ajudou a derrubar o regime de Assad e desferiu um golpe doloroso, com a ajuda dos Estados Unidos, no programa nuclear do Irão. Mas, apesar de todas essas conquistas geopolíticas críticas, sua guerra contra os palestinos não foi vencida. Os crimes de guerra de Israel em Gaza e o uso da fome em massa como arma falharam em cumprir os objectivos fundamentais da guerra, ao mesmo tempo em que desencadearam uma onda sem precedentes de sentimento anti-Israel em todo o mundo. O facto de que a Grã-Bretanha, de todos os países, está agora pronta para reconhecer o Estado palestino é uma forma simbólica de justiça atrasada.

Netanyahu está levando Israel a um lugar escuro do qual pode nunca mais voltar. A iniciativa saudita-francesa já está criando um impulso que promete ficar mais forte a cada dia por causa das terríveis escolhas que Israel e os EUA estão fazendo. Enquanto os palestinos sofrem e são forçados a pagar um preço alto, deixando pessoas decentes em todo o mundo irritadas e solidárias, Israel agora está isolado e vingativo. Mas a escolha no final das contas é de Israel. Pode escolher viver em paz com os palestinos e garantir o fim de décadas de inimizade, ou pode permitir que fanáticos e radicais o empurrem para um canto. Essa seria a escolha errada.

Osama Al-Sharif é jornalista e comentarista político baseado em Amã. X: @plato010

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

